

JOHN BOYNE

NOAH
FOGE
DE
CASA

Ilustrações:
OLIVER JEFFERS

Tradução:
EDUARDO BRANDÃO

2ª reimpressão

S E G U I N T E

Copyright © 2010 by John Boyne
Copyright das ilustrações © 2010 by Oliver Jeffers

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Noah Barleywater runs away

Capa
Oliver Jeffers

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Mariana Zanini
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Boyne, John

Noah foge de casa / John Boyne ; ilustrações Oliver Jeffers ; tradução Eduardo Brandão. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Noah Barleywater runs away.
ISBN#78-85-359-1949-3

1. Literatura juvenil I. Jeffers, Oliver. II. Título.

11-08449

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura juvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — vs
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1

A PRIMEIRA CIDADE

Noah Barleywater saiu de casa ainda cedo, antes do sol raiar, antes dos cachorros acordarem, antes do orvalho parar de cair nos campos.

Pulou da cama e enfiou a roupa que havia tirado do armário na noite anterior, contendo a respiração ao descer pé ante pé para o térreo. Três dos degraus sempre rangiam alto por não estarem bem assentados, de modo que pisou bem de leve em cada um deles, empenhado em fazer o mínimo barulho possível.

No saguão da entrada, pegou o blusão pendurado no cabideiro, mas só calçou os sapatos depois de sair de casa. Foi pela trilha do jardim até o portão, abriu-o, passou por ele, fechou-o de novo, andando tão de mansinho quanto podia, para seus pais não ouvirem o ruído do cascalho sob seus pés e descerem para ver o que estava acontecendo.

Ainda estava escuro àquela hora, o que obrigou Noah a forçar a vista para enxergar a estrada que ziguezagueava à sua frente. Quando clareasse, ele poderia perceber qualquer perigo que o espreitasse nas sombras. Ao chegar ao fim dos primeiros quinhentos metros, bem no ponto em que podia dar meia-volta e ainda avistar sua casa ao longe, viu

a fumaça que saía da chaminé da cozinha e pensou em sua família lá dentro, todos seguros em suas camas, sem saber que ele os estava deixando para sempre. E, contra a sua vontade, sentiu-se um pouquinho triste.

“Será que está certo o que estou fazendo?”, pensou, enquanto uma grande nuvem de lembranças felizes tentava abrir caminho e apagar as recordações mais recentes e mais tristes.

Mas não tinha escolha. Não aguentava mais continuar em casa. E, claro, ninguém podia criticá-lo por isso. Em todo caso, provavelmente o melhor mesmo era ele ir embora e abrir seu caminho no mundo. Afinal de contas, já tinha oito anos, e a verdade é que até então não havia feito nada de importante na vida.

Um menino da sua turma, Charlie Charlton, saiu no jornal local quando tinha apenas sete anos, porque um dia a rainha veio inaugurar um centro para vovós e vovôs da cidadezinha e ele fora escolhido para entregar a ela um ramo de flores e dizer: “Estamos MUITO felizes que a senhora tenha vindo”. Tiraram uma foto em que ao entregar o buquê o Charlie ria como o gato da Alice e a rainha fazia uma cara de quem tinha sentido um cheiro esquisito mas era muito bem-educada para tocar no assunto; ele já tinha visto antes aquela expressão na cara da rainha, e ela sempre o fazia rir. A foto foi colocada no quadro de avisos da escola no dia seguinte e ficou lá até que alguém — *não* o Noah — desenhou um bigode em Sua Majestade e escreveu umas palavras não muito educadas num balão que saía de sua boca, o que quase matou do coração o senhor Tushingham, o diretor.

Foi o maior escândalo, mas no fim das contas Charlie Charlton teve sua cara no jornal e por vários dias só se falou dele na escola. O que Noah tinha feito de comparável na vida? Nada. Bom, uns dias antes tinha tentado fazer uma

lista com tudo o que fizera de importante, e olhe só o que anotou:

1. *Li catorze livros do começo ao fim.*
2. *Fui medalha de bronze nos 500 metros no Dia do Esporte do ano passado e teria sido prata se Breiffni O'Neil não tivesse começado a correr antes do tiro de partida e por isso levou vantagem.*
3. *Sei qual é a capital de Portugal. (É Lisboa.)*
4. *Posso ser pequeno para a minha idade, mas sou o sétimo mais inteligente da minha turma.*
5. *Sou craque em separar as sílabas.*

“Cinco coisas importantes aos oito anos de idade”, pensou quando acabou a lista, sacudindo a cabeça e apertando a ponta do lápis na língua, apesar de a sua professora, a senhorita Bright, sempre dar um berro quando algum aluno fazia isso, dizendo que iam se envenenar com o chumbo. “Uma coisa importante a cada...” Pensou bem e fez uns cálculos rápidos num pedaço de papel. “Uma coisa importante a cada ano, sete meses e seis dias. Muito pouco, quase nada.”

Tentou se convencer de que era por isso que estava saindo de casa, porque parecia muito mais ousado do que o motivo verdadeiro, que era uma coisa em que ele nem queria pensar. Pelo menos, não de manhã tão cedo.

E lá ia ele, entregue à própria sorte, um jovem soldado a caminho da guerra. Deu novamente meia-volta, pensando consigo mesmo, “É! Nunca mais vou ver aquela casa!”, e seguiu em frente, com o ar de um homem que sabe que na próxima eleição tem toda chance de ser eleito para a prefeitura. Era importante parecer confiante — ele já tinha percebido isso faz tempo. Afinal, os adultos tendiam a achar que um menino que estava na estrada sozinho devia estar pla-

nejando algum crime. Nenhum deles nunca pensava que podia ser apenas um garoto que estava indo conhecer o mundo e viver uma grande aventura. Os adultos eram tão bitolados! Esse era um dos seus muitos problemas.

“Tenho de olhar sempre para a frente, como se estivesse esperando encontrar um conhecido”, disse para si mesmo. “Tenho de me comportar como uma pessoa que tem um objetivo em mente, pois assim é bem menor a probabilidade de me pararem ou perguntarem o que estou fazendo. Quando avistar alguém”, continuou pensando, “vou apertar o passo, como se estivesse com muita pressa e tivesse a certeza de que levaria a maior surra se não estivesse lá para onde estava indo, na hora em que lá devia estar.”

Não demorou muito para entrar na primeira cidade. Quando chegou lá começou a sentir um pouco de fome, pois não tinha comido nada desde a véspera. Pelas janelas das casas que ladeavam a rua em toda a sua extensão emanava um cheirinho apetitoso de ovos com bacon. Noah lambeu os beijos e ficou de olho no parapeito das janelas. Nos livros que tinha lido, os adultos volta e meia deixavam ali tortas e bolos, a fumaça ainda saindo da massa enfeitada, de modo que garotos famintos como ele podiam roubá-las. Mas ninguém parecia tão bobo assim naquela primeira cidadezinha. Ou vai ver não tinham lido os mesmos livros que ele.

Mas eis que de repente teve um golpe de sorte! Uma macieira apareceu bem na sua frente. Ela não estava ali um segundo antes — em todo caso, ele não a tinha visto —, mas estava agora, alta e orgulhosa na brisa da manhãzinha, seus galhos envergados pelas reluzentes maçãs verdes. Parou no ato e abriu um enorme sorriso, encantado com sua descoberta, pois gostava muito de maçã, tanto que sua mãe vivia a lhe dizer que se não tomasse cuidado ia acabar virando

uma. (Se isso acontecesse, seu nome *com certeza* ia sair em todos os jornais!)

“Meu café da manhã!”, pensou, acelerando o passo, mas à medida que se aproximava da árvore, um de seus galhos — o que mais tinha se inclinado para ele — pareceu subir um pouco e ficar mais junto do tronco, como se soubesse que ele estava com a intenção de roubar um de seus tesouros.

— Que estranho! — disse Noah, hesitando um instante antes de tornar a avançar.

Dessa vez a árvore emitiu como que um grunhido, igual ao que seu pai sempre fazia quando lia o jornal e Noah ficava enchendo a paciência dele pedindo para saírem para jogar bola. E se ele não soubesse que isso era impossível, teria jurado que a árvore estava indo para a esquerda, afastando-se dele, seus galhos ainda mais juntos do tronco, suas maçãs tremelizando de medo.

— Não pode ser — falou, sacudindo a cabeça. — Árvore não anda. E maçã não treme *mesmo*.

Mas a macieira *se movia*, sim. Tinha quase certeza de que se movia. Parecia até estar falando com ele. Mas o que estava dizendo? Uma voz baixinha sussurrava do outro lado da cerca... “Não, não, por favor, não, eu te suplico, não, não...”

“Bom, chega de maluquice, já deu para esta hora da manhã!”, disse Noah para si mesmo, pulando na árvore, que imediatamente ficou imóvel quando ele a agarrou com seus braços e arrancou três maçãs — uma, duas, três — dos galhos. Depois pulou da árvore, enfiou uma maçã no bolso esquerdo, outra no bolso direito e deu uma mordidona triunfal na terceira.

A árvore não estava mais se movendo afinal; parecia no máximo um pouquinho inclinada.

— Ora, eu estava com fome! — gritou bem alto, como

se tivesse de dar satisfações à macieira. — O que mais eu podia fazer?

A macieira não respondeu. Noah deu de ombros e foi embora, sentindo-se um pouco culpado mas sacudindo rapidamente a cabeça, como se com isso pudesse se livrar daquelas emoções e deixá-las para trás enquanto subia e descia as ruas calçadas de pedra da primeira cidade.

Mas naquele exato momento uma voz às suas costas o chamou:

— Ei, você aí!

Noah se virou e viu um homem andando ligeiro em sua direção.

— Eu te vi! — gritou o homem, apontando várias vezes um dedo nodoso para o garoto. — O que acha que está fazendo, hein?

Noah parou um instante, depois girou nos calcanhares e saiu disparado. Não podiam pegá-lo tão rápido assim. Ele não podia deixar que o mandassem de volta para casa. E assim, sem um momento de hesitação, fugiu do homem o mais depressa que pôde, deixando atrás de si um rasto de poeira que subiu ao céu formando uma nuvem escura e fazendo chover pelo resto da manhã na primeira cidade, cobrindo os jardins e as plantações recentemente semeadas, fazendo os moradores tossir e espirrar horas a fio — um rasto de destruição pelo qual Noah nem percebeu ser responsável.

Só desacelerou quando viu que já não estava sendo perseguido, e foi então que notou que a maçã do seu bolso esquerdo tinha caído durante a carreira.

“Não tem importância”, pensou, “ainda tem uma no outro bolso.”

Mas não, também tinha perdido a outra, e nem a ouviu cair.

“Droga!”, pensou. “Pelo menos tenho uma na mão...”

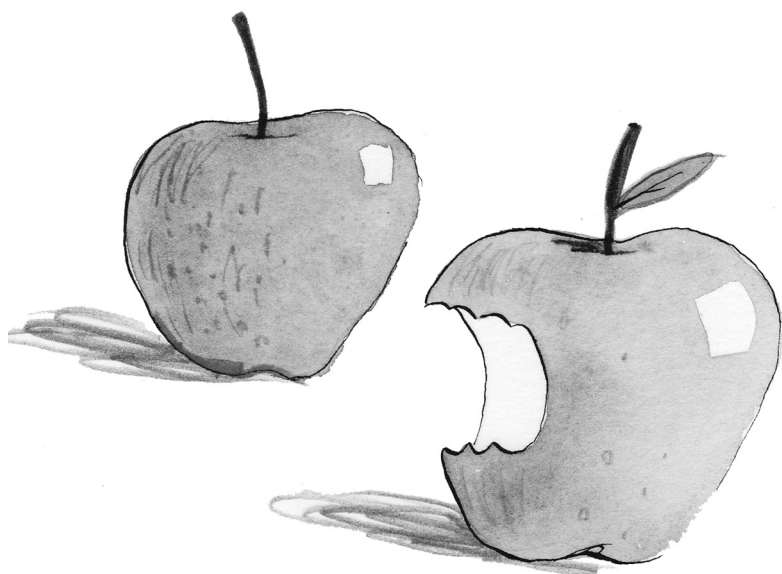


Fig. 1

Duas maçãs, uma
sem um pedaço

Mas qual o quê, aquela também havia desaparecido em algum lugar, e ele nem percebera.

“Que estranho!”, pensou, seguindo em frente, um pouco mais desanimado agora, tentando esquecer a fome que sentia. Afinal, um pedaço de maçã está longe de ser um café da manhã suficiente para um garoto de oito anos, especialmente para um que está prestes a conhecer o mundo e viver uma grande aventura.